



PRPG | Pré-Reitoria de Pós-Graduação  
PIBIC/CNPq/UFPG-2009

## A FITOTERAPIA COMO PRÁTICA NA ATENÇÃO BÁSICA DE SAÚDE: PERSPECTIVA DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE E USUÁRIOS DO SERVIÇO.

Marcone César Tabosa Assunção<sup>1</sup>; Sérgio Adriane Bezerra de Moura<sup>2</sup>

### RESUMO

O trabalho objetiva reconhecer as representações acerca do uso de fitoterápicos por usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) e o conhecimento e confiabilidade da aplicação dessa prática por profissionais de saúde em Cajazeiras/PB. Foram utilizados questionários semi-estruturados aos usuários do SUS (n=54) e 88% afirmaram ter conhecimento sobre o uso de plantas medicinais. Dentre os profissionais (n=31), parte dos entrevistados (16 - 51,6%) nega orientação acerca da fitoterapia durante sua formação acadêmica. Por outro lado, 21 (67,7%) já usaram a fitoterapia em benefício pessoal e 23 (74,19%) acreditam que a população aceitaria o uso de tal prática. Conclui-se que os sujeitos têm pensamento convergente no tocante à inserção da fitoterapia no serviço público e dessa forma, devem-se empreender esforços na qualificação profissional por meio de educação continuada e divulgação da fitoterapia junto aos usuários do SUS.

**Palavras-chave:** Fitoterapia; profissionais de saúde; usuários do serviço de saúde

## THE PHYTOTERAPY IN BASIC ATTENTION OF HEALTH: HEALTH'S PROFESSIONALS PERSPECTIVE AND OF THE USERS OF THE SERVICE.

### ABSTRACT

The works aimed is recognize the perception about the use forms of phytoterapy by users of the SUS, and the knowledge and the trustiness about the utility from that practice by health's professionals from Cajazeiras-PB. Was used a questionnaire semi-structured for users of the SUS (n=54) e 88% said they had knowledge about the use of the medical plants. Among professionals (n=31), a part of the interviewed people (16 - 51,6%) disown had orientation about the phytoterapy during their academic graduation. However, 21 (67,7%) used the phytoterapy in personal benefit and 23 (74,19%) believe that population adopt the use if this practice. Then is concluded that people have been thinking agreement about introducing the phytoterapy at the public service and in this way, what have to be done is be stronger at professional qualification by means of education and advertising phytoterapy with the SUS users.

**Keywords:** Phytoterapy; health's professionals; users of the health service.

### INTRODUÇÃO

Há milhares de anos, o ser humano utiliza as plantas medicinais para a cura das mais diversas enfermidades que o afligem. Por volta de 3000 a.C. na obra *Pen Ts' ao* do chinês Sheng Nung já se encontravam relatos do uso de plantas para fins terapêuticos (KO, 1999). O grego Pedanios Dioscorides descreveu no ano de 78 d.C. cerca de 600 plantas terapêuticas no tratado *De Matéria Médica*, que durante vários séculos foi a principal fonte de referência de plantas medicinais. Assim muitas foram as etapas envolvidas no desenvolvimento da arte de curar, porém há dificuldade em delimitá-las com exatidão, visto

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Graduação em Enfermagem, Unidade Acadêmica de Ciências da Vida, CFP/UFPG, Cajazeiras, PB, E-mail: [cesar\\_tabosa7@hotmail.com](mailto:cesar_tabosa7@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Estomatologia, Orientador, E-mail: [sergioabm@gmail.com](mailto:sergioabm@gmail.com)

que a medicina esteve por muito tempo associada a práticas mágicas, místicas e ritualistas (TUROLLA & NASCIMENTO, 2006).

O conhecimento adquirido por esses povos primitivos foi através da observação e experimentação, onde as propriedades terapêuticas e tóxicas de várias plantas foram passadas de geração em geração se tornando parte da cultura popular até os dias atuais. O conhecimento empírico sobre as plantas medicinais é bastante difundido, se tornando na maioria das vezes a única forma de terapia que populações de países em desenvolvimento têm a seu alcance (SANTOS et al., 2008). Diante desse conhecimento popular, observou-se a realização de estudos que comprovam as propriedades medicinais de muitas plantas, o que traz aos pesquisadores a convicção de que a sabedoria popular é uma rica fonte de conhecimento. Apesar da convicção da adesão da população e da eficácia terapêutica de inúmeras plantas, os gestores municipais não vêm considerando esse aspecto para a implantação da fitoterapia na atenção primária à saúde (TOMAZZONI et al., 2006).

A fitoterapia deve ser usada com cautela, uma vez que o produto por ser natural não está isento de efeitos indesejáveis. Todos os medicamentos inclusive os naturais devem ser utilizados sob prescrição médica (TESKE & TRENITINI, 1994). A automedicação é muito realizada com fitoterápicos e se torna bastante preocupante quando este é utilizado em associação com medicamentos alopáticos, podendo levar a efeitos sinérgicos e interações medicamentosas inesperadas. O desinteresse de grande parte dos profissionais de saúde por plantas medicinais completa o contexto atual de utilização indiscriminada desses medicamentos (VEIGA JÚNIOR, 2008).

Diante desse contexto, a Organização Mundial de Saúde preconiza a investigação das propriedades tóxicas e terapêuticas das plantas utilizadas para fins terapêuticos, para assegurar a eficácia e segurança terapêutica dos fitoterápicos (SANTOS & INNECCO, 2004). No Brasil, cada vez mais o Ministério da Saúde destaca prioridades na investigação das plantas medicinais e na implantação da fitoterapia como prática oficial da Medicina, orientando as Comissões Interinstitucionais de Saúde (CIS) a buscarem sua inclusão no Sistema Único de Saúde. Essa inclusão só será possível com o aprimoramento do conhecimento dos profissionais de saúde acerca das propriedades farmacológicas e toxicológicas das plantas medicinais de cada bioma brasileiro para assim, relacionar esse conhecimento com os costumes, tradições e condições sócio-econômica da população (VEIGA JR, 2008).

Santos et al. (2008) indicam que os pesquisadores devem intensificar os estudos e pesquisas, no intuito de fornecer informações de como produzir e preparar os fitoterápicos, visto que cada vez mais essa prática terapêutica vem sendo utilizado por mais pessoas em todo o mundo.

Como o Brasil é um país de uma enorme biodiversidade, se faz necessário o levantamento das espécies medicinais de cada região fitogeográfica do Brasil, como estratégia para implementar as plantas localizadas em cada região nos programas de atenção primária à saúde, o que reduziria os custos e ampliaria o número de beneficiados (SANTOS et al., 2008). Esses estudos etnobotânicos são realizados para avaliar as relações entre as plantas medicinais disponíveis em determinadas regiões e as formas como o homem as utilizam, fazendo desse modo um resgate e preservação dos conhecimentos populares das comunidades envolvidas (GARLET & IRGANG, 2001). Esse conhecimento difundido sobre a fitoterapia tem propiciado informações e esclarecimentos importantes, fazendo com que na maioria dos países ocidentais, os fitoterápicos sejam utilizados de forma mais sistemática na profilaxia e tratamento de alterações patológicas, ao lado da terapêutica convencional (FRANÇA et al., 2008).

Diante desse contexto, esse trabalho objetiva reconhecer as representações acerca da importância, indicações e práticas de uso de fitoterápicos por parte dos usuários do Sistema Único de Saúde, bem como, o conhecimento e confiabilidade da aplicação dessa prática por parte dos profissionais, além de buscar conhecer a aceitabilidade dos usuários dos serviços de saúde e dos profissionais de saúde da cidade de Cajazeiras-PB em relação à inserção da fitoterapia na atenção (básica) primária à saúde, considerando aspectos peculiares a cada um dos grupos.

## METODOLOGIA

O projeto de pesquisa que resultou na elaboração desse artigo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP-Patos) da Universidade Federal de Campina Grande e foi aprovado em reunião ordinária nº 2, em 13 de setembro de 2006, sob nº de Protocolo 24/2006.

O presente estudo teve objetivos investigatórios, para avaliar a aceitabilidade que os profissionais de saúde (médicos, enfermeiros e cirurgiões-dentistas), bem como, os usuários dos serviços de saúde, têm em relação à possibilidade de inserção da fitoterapia na atenção básica de saúde.

O estudo quantitativo que foi realizado com os usuários que aguardavam atendimento nas Unidades Básicas de Saúde (UBSs). Utilizou-se um questionário que versava sobre a prática e o conhecimento dessa população acerca da fitoterapia, dando ênfase as plantas mais usadas na região da cidade de Cajazeiras - PB, bem como as suas indicações terapêuticas e a crença que essa população demonstra a respeito da eficácia dessa medicina alternativa. Os dados coletados foram analisados por estatística descritiva.

No estudo em que a amostra foi constituída por profissionais de saúde de nível superior que prestavam assistência a população nas UBSs, foi utilizado um questionário com ênfase quantitativa, onde analisava o conhecimento científico de tais profissionais em relação a fitoterapia e em que momento da sua formação esse conhecimento foi adquirido. Analisava também quanto ao uso da fitoterapia para uso pessoal e quais plantas eles utilizaram, bem como a satisfação que eles demonstraram quanto a terapia com plantas medicinais.

Logo após a uma fundamentação teórica, foi solicitado a autorização e identificação das 14 Unidades de Saúde da Família e da Policlínica pela Secretaria de Saúde da cidade de Cajazeiras-PB, através do encaminhamento de um documento à referida secretaria.

A pesquisa teve com cenário todas as UBSs da cidade de Cajazeiras-PB, onde esses centros de saúde eram constituídos de profissionais de nível superior, tais como: médico, enfermeiro e cirurgião-dentista. Segundo a Organização Mundial de Saúde (1978) a atenção básica à saúde, pode ser definida como:

(...) atenção essencial à saúde baseada em tecnologias e métodos práticos, cientificamente comprovados e socialmente aceitáveis, tornados universalmente acessíveis a indivíduos e famílias na comunidade por meios aceitáveis para eles e a um custo que tanto a comunidade como o país possa arcar em cada estágio de seu desenvolvimento, um espírito de autoconfiança e autodeterminação. É parte integral do sistema de saúde do país, do qual é função central, sendo enfoque principal do desenvolvimento social e econômico global da economia. É o primeiro nível de contato dos indivíduos, da família e da comunidade com o sistema nacional de saúde, levando a atenção à saúde o mais próximo possível do local onde as pessoas vivem e trabalham, constituindo o primeiro elemento de um processo de atenção continuada à saúde (...).

O horário de funcionamento desse serviço vai das 7:00 às 11:00 horas e das 13:00 às 17:00 horas, tendo os profissionais de saúde uma jornada de 40 horas semanais.

A trajetória metodológica teve início com o reconhecimento de todas as Unidades de Saúde e foi traçado um cronograma de datas e horários destinados as visitas que seriam realizadas durante todo o período de coleta de dados. A realização das entrevistas teve início em novembro do ano de 2008 e término no mês de fevereiro do ano de 2009.

Para a realização da investigação documental foi utilizada uma planilha para os dados quantitativos. No que tange os usuários foram coletados informações sobre sexo, idade, escolaridade, cor da pele, o conhecimento do termo fitoterapia, as plantas mais usadas na região e para que servem, a utilização de plantas para tratar alguma doença e se seus resultados foram satisfatórios, obtenção de orientação de um profissional de saúde sobre a utilização da fitoterapia e quais plantas foram prescritas e se o usuário acredita no poder de cura desse tipo de medicina alternativa.

No que se refere às entrevistas dos profissionais também foi utilizada uma planilha, onde foram coletados dados sobre idade, sexo, área de formação, tempo de formação, a existência de pós-graduação, orientação sobre fitoterapia durante a formação profissional e de que forma foi essa orientação, a auto-avaliação do profissional no que se refere à fitoterapia, um possível questionamento ao paciente durante a consulta sobre a utilização de práticas terapêuticas caseiras, utilização de plantas medicinais para seu próprio tratamento, quais foram essas plantas e se obteve bons resultados, outro questionamento foi sobre a aceitação dos usuários de saúde no que diz respeito a prática da fitoterapia.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram pesquisados 154 usuários do SUS que esperavam por atendimentos nas Unidades de Saúde, com idade média de 43,5 anos, dentre esses 99(64%) eram do sexo feminino e 55(36%) do sexo masculino (figura 1). Esse dado corrobora com um estudo realizado por Souza (2007), onde ele afirma que a mulher procura mais os serviços de saúde devido às transformações fisiológicas pertinentes a esse sexo durante todo ciclo de sua vida.

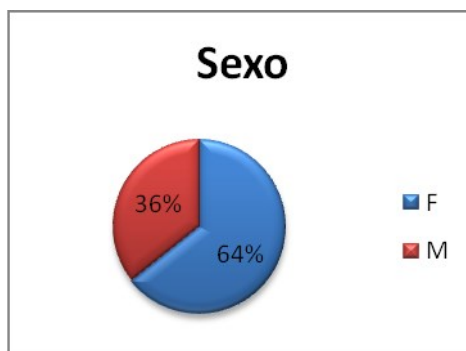


Figura 1. Distribuição da amostra de usuários do serviço de saúde por sexo.

Quanto ao grau de instrução, os parâmetros foram divididos em cinco categorias: nunca estudou, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior e Pós-Graduação. Observou-se que a maior parcela da população que procura o serviço público de saúde é aquela que possui um baixo grau de instrução, 8% dos entrevistados não tiveram acesso ao ensino, 42% possui o Ensino Fundamental, 36% possui o Ensino Médio, o Ensino Superior só foi encontrado em 13% da amostra e 1% possui curso de Pós-Graduação (figura 2). Santos et al. (2008) acreditam que o nível de escolaridade crescente, junto a globalização leva a sociedade a utilizar os produtos farmacêuticos industrializados com maior frequência e conseqüentemente acontece a perda dos costumes tradicionais.

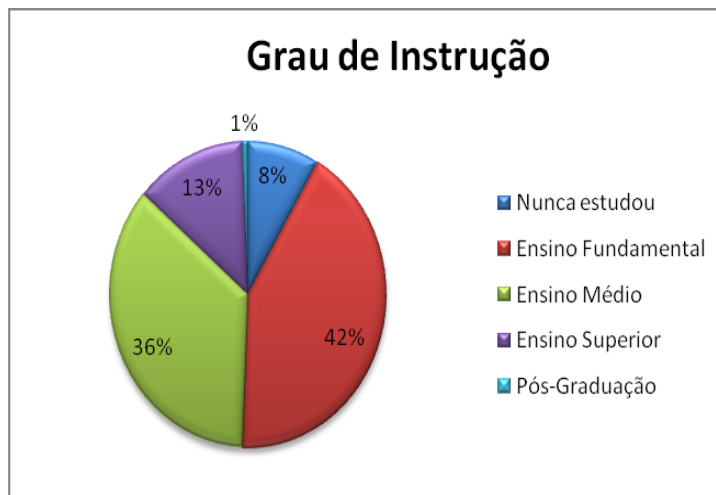


Figura 2. Distribuição da amostra de acordo com o grau de instrução.

Observa-se que 49% dos usuários do serviço são feodermas, 28% são melanodermas, 23% são leucodermas e não foi pesquisado nenhum xantoderma (figura 3).

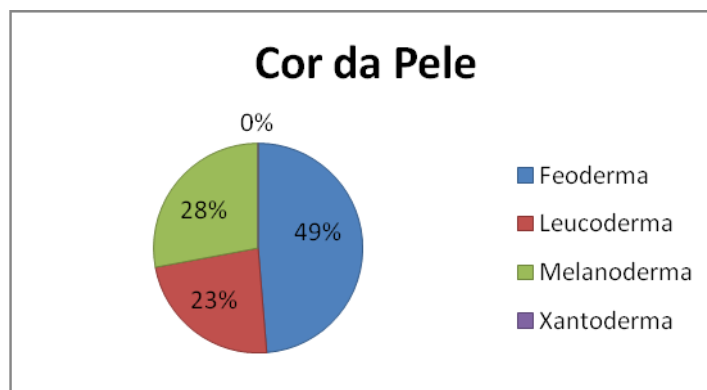


Figura 3. Distribuição da amostra de acordo com a cor da pele.

No que se refere ao conhecimento sobre o termo fitoterapia 79% afirmam não conhecer o significado e apenas 21% conhecem esse termo científico (figura 4). Esse resultado deixa explícito a falta de informação que a população desta cidade do interior da Paraíba tem a respeito da fitoterapia, deixando claro a necessidade da educação em saúde ser realizada pelos gestores das três esferas que governam o país: federal, estadual e municipal.

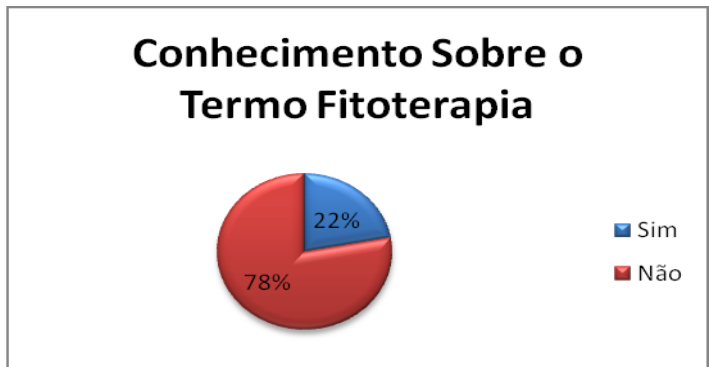


Figura 4. Distribuição da amostra de acordo com o conhecimento acerca do termo fitoterapia.

Quanto ao conhecimento sobre as plantas mais usadas na região, 88% afirmam ter conhecimento acerca de plantas medicinais, no entanto nenhum cita o livro como fonte desses conhecimentos e 22% relatam que não conhecem quais são as plantas medicinais mais usadas na região (figura 5). Em um estudo realizado no estado de Minas Gerais por Santos et al. (2008) a maioria da população entrevistada afirmou que adquiriu conhecimento sobre plantas medicinais através de livros.

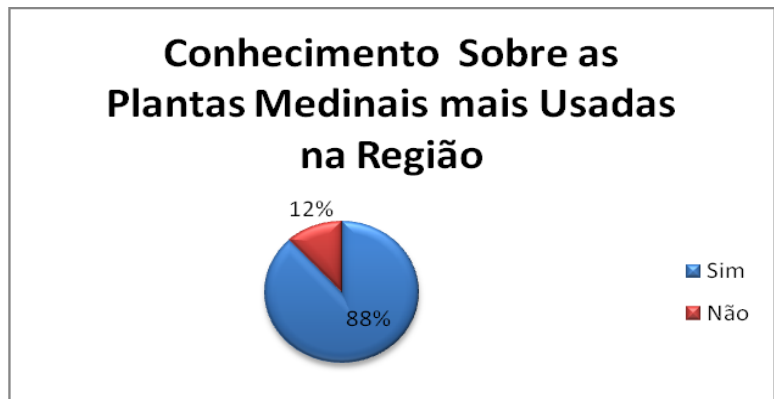


Figura 5. Distribuição da amostra de acordo com o conhecimento das plantas medicinais.

Os usuários que afirmam conhecer as plantas medicinais mais usadas na região (88%) indicaram até 6 tipos diferentes (figura 6). A malva (*Malva sylvestris L.*) foi a planta mais citada, onde em sua maioria indicava a malva para terapia de gripe e resfriado. Já a hortelã (*Mentha piperita L.*) foi citado por 57 entrevistados que em sua grande maioria relataram que seu uso é realizado para combater a cefaléia. Em um estudo concretizado por Tomazzoni et al. (2006) na cidade de Cascavel-PR a hortelã (*Mentha piperita L.*) foi a planta mais citada nas entrevistas, o que demonstra singularidade entre os dois estudos realizados em regiões distintas do Brasil, enquanto que o capim-limão (*Cymbopogon citratus*) foi a segunda planta mais citada no estudo referido.

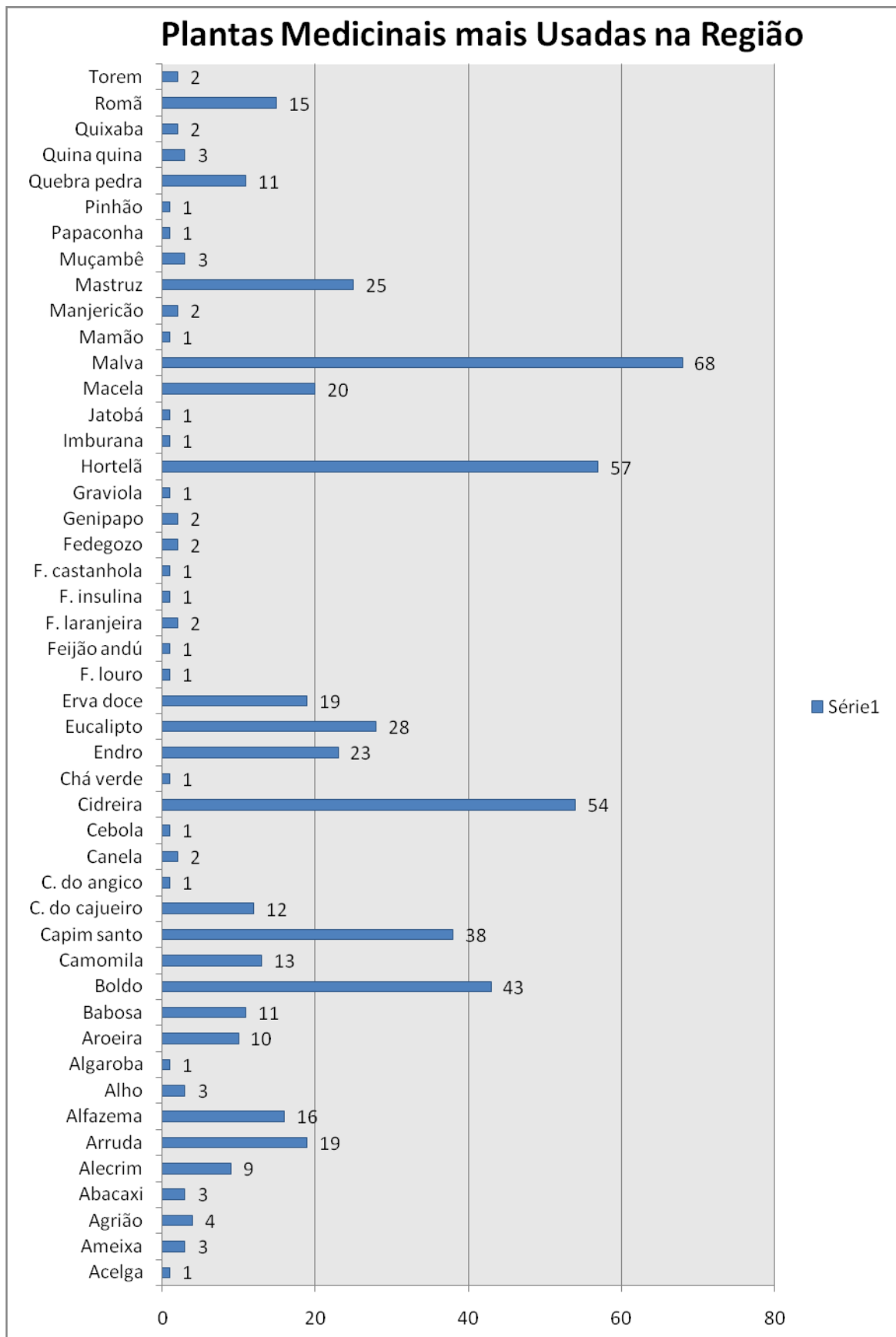


Figura 6. Distribuição e frequência das plantas medicinais indicadas pelos entrevistados.

Segundo um estudo realizado no estado de Minas Gerais por Rezende & Cocco (2002), 66,66% dos entrevistados afirmaram usar algum tipo de planta medicinal para tratar enfermidades. Já nesse estudo na cidade de Cajazeiras a fitoterapia é mais difundida na amostra pesquisada, 84% das pessoas entrevistadas

afirmaram já terem tratado alguma doença com plantas medicinais e apenas 16% nunca fizeram uso dessa prática para tratar algum tipo de enfermidade (figura 7).

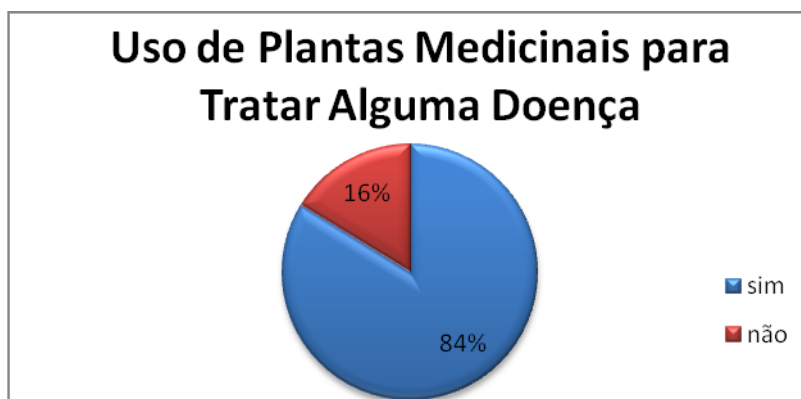


Figura 7. Distribuição da amostra indicando uso de plantas medicinais.

Dessa amostra de 129 pessoas que afirmaram que já usaram as plantas medicinais para tratar algum tipo de alteração patológica, 98% relatam que os resultados foram satisfatórios, enquanto que 2% mencionam não ter obtido sucesso terapêutico (figura 8). Ficou evidente também que às indicações de uso privilegiavam os agravos à saúde mais comuns no universo estudado: dor de cabeça, diarreia, gripes, tosse, cólicas, inflamações, infecções e distúrbios emocionais. No que se refere ao tratamento de doenças mais graves a sociedade demonstra rejeição quanto ao uso de plantas como terapêutica, o que entra em harmonia com o estudo de Rezende & Cocco (2002), onde eles afirmam que a maioria dos entrevistados usa a fitoterapia apenas para agravos a saúde mais simples, enquanto que nos casos mais graves a população procura as farmácias de medicamentos alopáticas e os centros de saúde.



Figura 8. Distribuição da amostra indicando satisfação com o uso de plantas medicinais.

Os usuários quando foram questionados a respeito da obtenção de algum tipo de orientação dos profissionais de Saúde acerca do uso da fitoterapia, 84% da amostra afirmam que nunca foram orientados a utilizar essa prática por um profissional de saúde, conseqüentemente apenas 16% no universo pesquisado receberam esse tipo de indicação (figura 9), o que representa um bom percentual de indicações médicas em relação a fitoterapia, principalmente se tomarmos como parâmetro a pesquisa realizada por Veiga Júnior (2008), onde apenas 3,1% dos entrevistados responderam utilizar as plantas medicinais através de prescrições médicas, já em um estudo de Silva et al. (2006) foram analisadas prescrições médicas na cidade de Maracanaú-CE e foi constatado que 20,6% destas apresentaram fitoterápicos.



Figura 9. Distribuição da amostra indicando orientação profissional para a prática da fitoterapia.

No que tange a crença no poder de cura das plantas medicinais, 94% dos entrevistados relataram acreditar na fitoterapia como terapêutica eficaz, já 6% acreditam que as plantas medicinais não possuem uma ação terapêutica eficaz (figura 10). O estudo qualitativo de Leite & Schor (2004) demonstra que os entrevistados demonstraram crença indiscutível na eficácia terapêutica das plantas medicinais, mesmo quando há evidências do contrário, o que corrobora com a maioria dos dados expostos nessa pesquisa feita na cidade de Cajazeiras-PB.



Figura 10. Distribuição da amostra apontando credibilidade no uso de plantas medicinais.

No estudo que foi realizado com os profissionais de saúde, a amostra foi constituída de 31 profissionais com idade média de 41,5 anos. Englobando três áreas de formação diferentes: Enfermagem, Medicina e Odontologia. Desse grupo pesquisado 19 indivíduos eram do sexo feminino, enquanto que 12 eram do sexo masculino (figura 11).

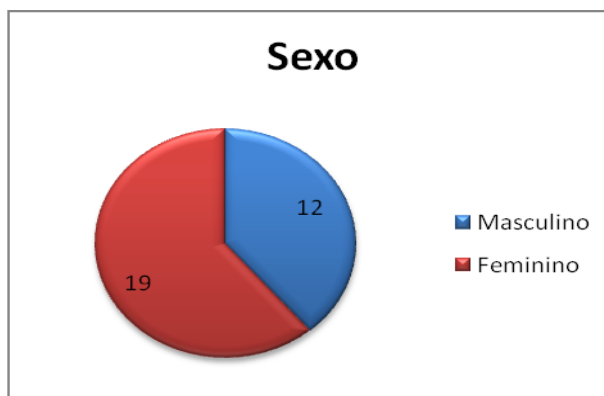


Figura 11. Distribuição da amostra de profissionais por sexo.



Observou-se que quanto à área de formação, a amostra ficou distribuída da seguinte maneira: 13 Enfermeiros, 10 Médicos e 8 Cirurgiões-Dentistas (figura 12)

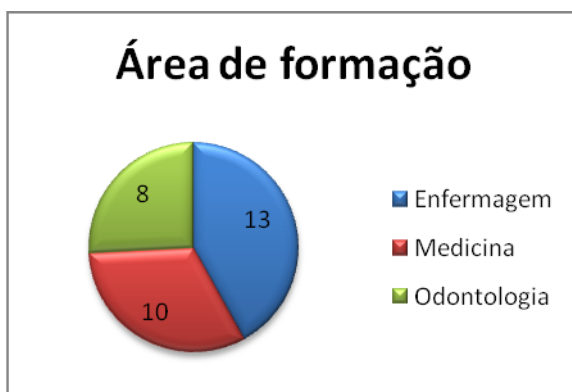


Figura 12. Distribuição da amostra de acordo com a formação acadêmica.

Quando os entrevistados foram questionados a respeito do tempo de formação, 10 (32,2%) responderam que tem até dois anos de formação, 4 (12,9%) afirmaram ter entre 2 e 4 anos de formação, outros 4 (12,9%) entrevistados possuem entre 10 e 20 anos e 13 (41,9%) informaram que possuem 20 anos ou mais de exercício profissional (Figura 13).

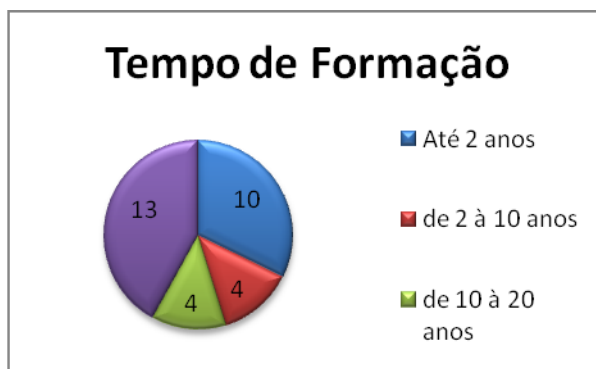


Figura 13. Distribuição da amostra de acordo com o tempo de formação acadêmica.

Já no que diz respeito a Pós-Graduação, 19 (61,2%) já realizaram algum curso nessa âmbito e 12 (38,7%) não o fizeram (Figura 14).



Figura 14. Distribuição da amostra de acordo com a realização de curso de Pós-Graduação.

Dessa amostra estudada 16 (51,6%) profissionais relataram que durante a formação profissional não adquiriram nenhum tipo de orientação acerca do uso da fitoterapia, enquanto que 15 (48,3%) foram orientados de alguma maneira em relação a tal prática (Figura 15).



Figura 15. Distribuição da amostra de acordo com a experiência curricular que privilegia a fitoterapia.

No que diz respeito às formas de obtenção de informações acerca da prática da fitoterapia, sete entrevistados afirmaram que foi através de disciplina optativa, 3 através de cursos, 2 durante as aulas. Estágios, especializações e curso de extensão foram citados apenas por um entrevistado (figura 16).

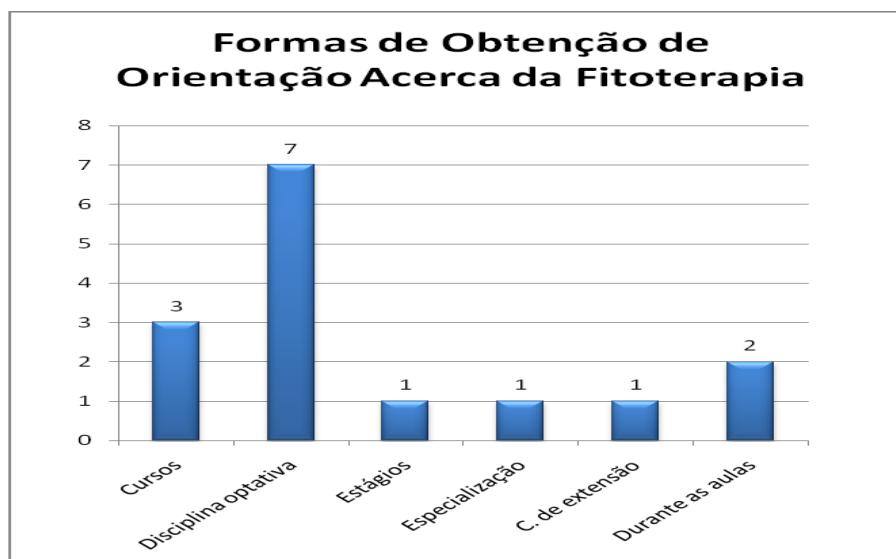


Figura 16. Distribuição da amostra de acordo com a forma de obtenção de conhecimento do uso de plantas medicinais.

Quando os profissionais foram submetidos a um questionamento sobre a auto-avaliação que eles faziam sobre seus conhecimentos acerca da fitoterapia, 14 (41,1%) classificaram seu conhecimento como regular, 8 (25,8%) acreditam ter um bom conhecimento e 9 (29,0%) mencionaram que seu conhecimento sobre o uso da fitoterapia é insuficiente, no entanto nenhum dos profissionais pesquisados qualificou seu conhecimento como ótimo (Figura 17).



Figura 17. Distribuição da amostra de acordo com a auto-avaliação do conhecimento de uso de fitoterápicos

Os profissionais de saúde foram perguntados se durante a consulta ao paciente se eles fazem algum tipo de questionamento acerca do uso de práticas terapêuticas caseiras e 13 (41,9%) dos entrevistados afirmam que fazem esse tipo de questionamento, outros 13 (41,9%) profissionais só o fazem esporadicamente e os que não fazem esse tipo de pergunta está representado por 5 (16,1%) profissionais (Figura 18). Em um estudo elaborado por Veiga Júnior (2008), os profissionais da área da saúde julgaram que 32% da população fazem uso frequentemente de plantas medicinais, ainda segundo o julgamento dos profissionais 43% da população procuram um médico já medicado, o que reflete a prática abusiva e perigosa da automedicação.



Figura 18. Distribuição da amostra de acordo com a prática de questionar acerca do uso de plantas medicinais pelos usuários.

No que tange o uso ou não de plantas medicinais para seu próprio tratamento, a distribuição ficou da seguinte forma: 21 (67,7%) dos entrevistados já usaram a fitoterapia como terapêutica pessoal, enquanto que 10 (32,2%) não fazem uso desse tipo de medicina alternativa (Figura 19). Levando em consideração a aceitação pelos profissionais de saúde Veiga Júnior (2008) em seu estudo identificou que 41% dos entrevistados não indicam nenhum tipo de terapia alternativa, e que 27% acreditam que as terapias alternativas não são seguras por provocarem alergias.

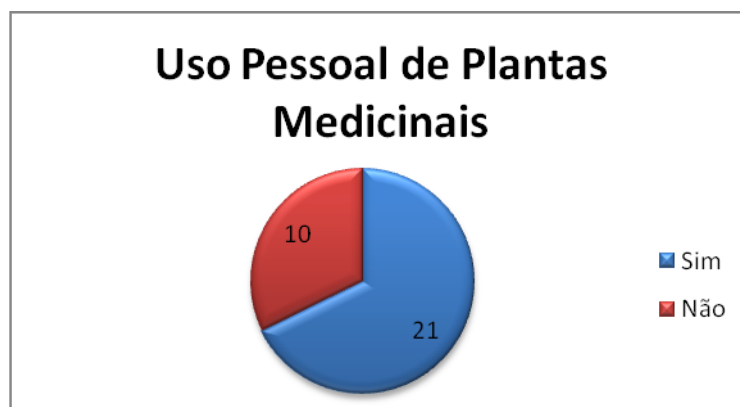


Figura 19. Distribuição da amostra de acordo com o uso pessoal de plantas medicinais .

Quanto as plantas medicinais usadas pelos entrevistados, as plantas mais citadas foram: camomila (*Chamomila recutita*) com seis citações, boldo brasileiro (*Plectanthus barbatus*) com 5 citações e malva (*Malva sylvestris L*) que também foi 5 vezes mencionada (figura 20).

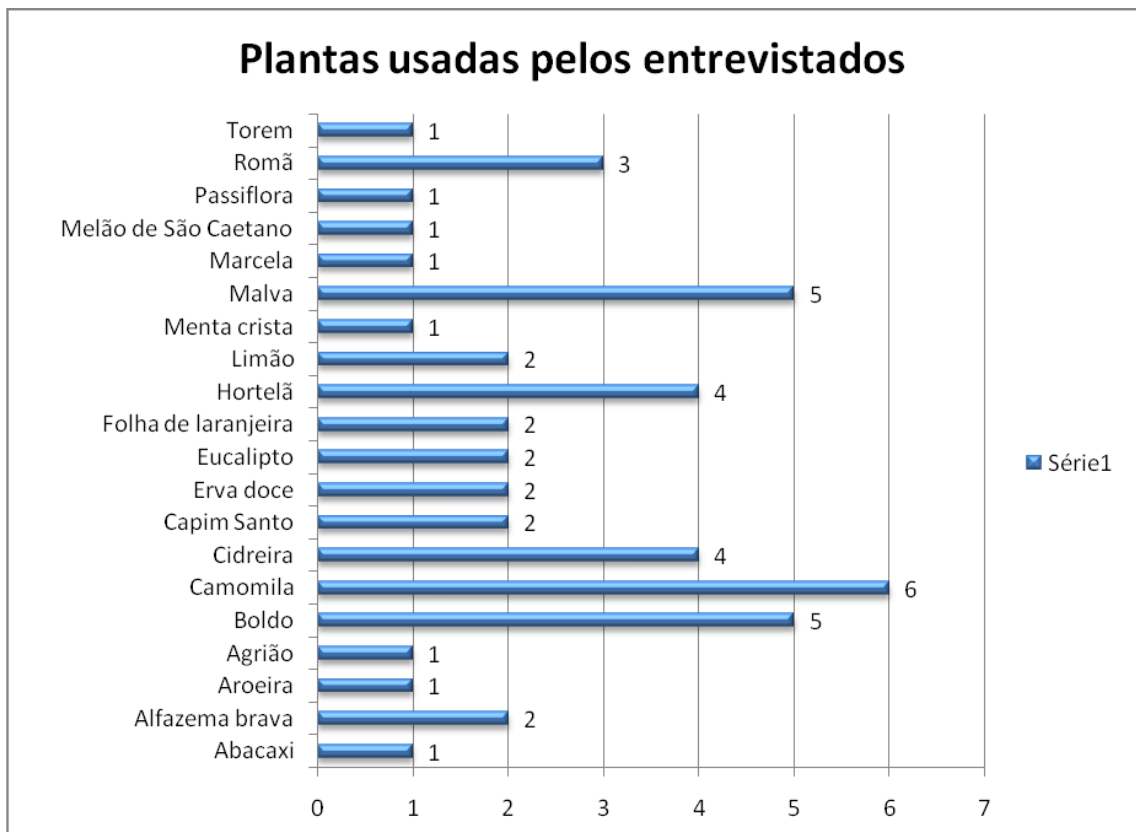


Figura 20. Distribuição das principais plantas medicinais referidas pelos profissionais de saúde.

Quando questionados se os resultados da prática da fitoterapia para uso próprio foram bons, 17 profissionais afirmaram que sim (figura 21). A utilização da plantas medicinais para uso próprio por profissionais de saúde também estão ligadas a alterações patológicas brandas.

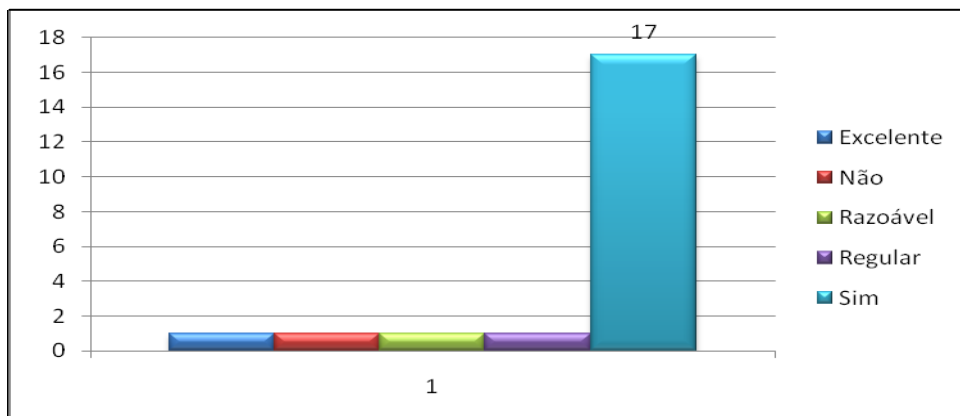


Figura 21. Distribuição da amostra de acordo com a satisfação do uso de fitoterápicos pelos próprios profissionais.

Observou-se que 23 profissionais de saúde acreditam na aceitação dos usuários, se fosse implantado um programa de fitoterapia no município de Cajazeiras-PB, 7 afirmaram ter dúvidas e 1 acredita que a população rejeitaria essa iniciativa (figura 22).

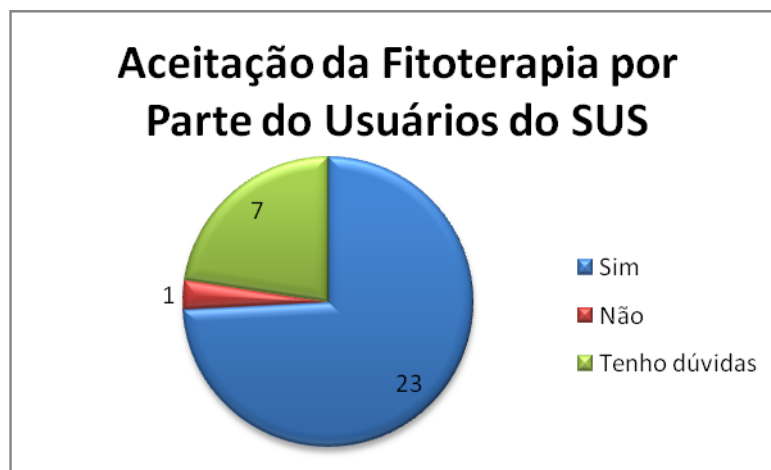


Figura 22. Distribuição da amostra apontando aceitação do uso de plantas medicinais.

Quando 74,19% dos profissionais entrevistados afirmaram que a população aceitaria a fitoterapia no sistema público de saúde, fica evidente a harmonia entre os usuários e os profissionais de saúde em relação a inserção de um programa de fitoterapia na cidade de Cajazeiras, já que 94% dos usuários entrevistados acreditam no poder de cura das plantas medicinais. Segundo pesquisa de TOMAZZONI et al. (2006) no interior do Paraná, na cidade de Cascavel, 100% da população aceitaria a introdução de fitoterápicos em substituição ao medicamento alopático, se fosse prescrito pelo médico.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de plantas medicinais é parte de cultura dos sujeitos em cena e independem de validações científicas. Dessa forma, são consubstanciadas pelos resultados satisfatórios na cura das doenças dos sujeitos considerando a frequência de uso dos antepassados, as tradições familiares, as orientações de pessoas mais experientes no assunto, a exemplo dos raizeiros e curandeiros. A fitoterapia tem sido incentivada nos meios acadêmicos, mas ainda há a necessidade de aproximação com as comunidades, apontando para a necessidade de atividades de extensão das universidades ou outros centros onde a discussão versa na fundamentação científica.

O uso de plantas medicinais por parte dos profissionais de saúde entrevistados denota que há credibilidade nessa prática, quer seja pelos próprios profissionais que fazem uso pessoal, quer seja na aceitação dos pacientes quando da prescrição desses medicamentos, no entanto, percebe-se que essa não é uma terapia plenamente incentivada. Dessa forma, há necessidade de atividades formativas na grade curricular dos profissionais de saúde no intuito de melhor capacitá-los para o uso de plantas medicinais no tratamento dos agravos à saúde da população, inclusive como alternativa de redução de custo de tratamentos, considerando que esses medicamentos têm suas ações validadas por meio de pesquisas científicas e tem o uso incentivado pela Organização Mundial de Saúde, entendendo que a atenção essencial à saúde baseada em tecnologias e métodos práticos, cientificamente comprovados e socialmente aceitáveis, tornados universalmente acessíveis a indivíduos e famílias na comunidade por meios aceitáveis para eles e a um custo que tanto a comunidade como o país possa arcar em cada estágio de seu desenvolvimento, um espírito de autoconfiança e autodeterminação.

Os usuários do serviço e os profissionais de saúde estão em consonância a respeito da implantação de programas de incentivo a fitoterapia, entretanto é escasso o número de programas dessa natureza em nosso país, o que traz a convicção da carência que a sociedade possui de atitudes do poder público que proporcionem informações e esclarecimentos sobre essa temática, visto que essa prática em um país de uma enorme biodiversidade e com problemas sociais como o Brasil apresentaria diversos efeitos benéficos. Dessa forma, a população utilizaria terapias eficientes e com indicações de profissionais de saúde capacitados, sem deixar seus costumes e tradições que foram adquiridos através de milhares de anos.

### AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pela bolsa de Iniciação Científica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COCCO, M. I. M.; REZENDE, H. A. A Utilização de Fitoterapia no Cotidiano de uma População Rural. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 282-288, 2002.

FRANÇA, I. S. X; SOUZA, J. A; BAPTISTA, R. S; BRITTO, V. R. S. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v.61, n.2, p. 201-208, 2008.

GARLET, T. M. B; IRGANG, B. E. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil. **Rev. Bras. Plantas Med.**, Botucatu, v. 4, n.1, p. 9-18, 2001.

KO, R. J. Causes, epidemiology, and clinical evaluation of suspected herbal poisoning. **Clin. Toxicol.** New York, v.37, n.6, p.697-708, 1999.

LEITE, S. N; SCHOR, N. Fitoterapia no Serviço de Saúde: significados para clientes e profissionais de saúde. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 69, p. 78-85, 2005.

SANTOS, M. R. A; INNECCO R. Adubação orgânica e altura de corte da Erva-cidreira brasileira. **Hortic. Bras.**, Brasília, v.22, n.2, p.182-185, 2004.

SANTOS, M. R. A; LIMA, R. A; FERREIRA, M. G R. Uso de plantas medicinais pela população de Ariquemes, em Rondônia. **Hortic. Bras.**, Brasília, v.26, n.2. p.244-250, 2008.

SILVA, M. I. G; GONDIM, A. P. S; NUNES, I. F. S; SOUSA, F. C. F. Utilização de fitoterápicos nas unidades básicas de atenção à saúde da família no município de Maracanaú (CE). **Rev. Bras. Farmacogn.** João Pessoa. v.16 n.4. p. 455-462, 2006.

SOUZA, A. R. Custo de Atenção Psicossocial: **perfil epidemiológico dos usuários. Fortaleza. 2007, 11f. Dissertação (mestrado), Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem. Universidade Federal do Ceará.**

TESKE, M.; TRENITINI, A.M.M. **Herbarium**: comendium de fitoterapia. Curitiba: Herbarium Laboratório Botânico, 1994.

World Health Organization. **Health promotion**: a discussion document on the concept and principles. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe.

**Primary Health Care.** Geneva: World Health Organization

TOMAZZONI, M. I; NEGRELLE, R. R. B; CENTA, M. L. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 15, n.1, p.115-121, 2006.

TUROLLA, R. M; NASCIMENTO, S. E. Informações toxicológicas de alguns fitoterápicos utilizados no Brasil. **Rev. Bras. Cienc. Farm.** São Paulo. v.42.n2. p.289-306, 2006.

VEIGA JÚNIOR, V. F. Estudo do consumo de plantas medicinais na região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. **Rev. Bras. Farmacogn**, João Pessoa, v.18, n.2, p. 308-313, 2008.